

IX SEMANA DA PEDAGOGIA

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO “AS COISAS QUE A GENTE FALA”, DE RUTH ROCHA: UMA ANÁLISE À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

PINHEIRO, Fabiana Ferreira¹
MESSIAS, Débora Brumatti Coutinho²
NUNES, Isabel Matos³
CRISTOFOLETI, Rita de Cassia⁴

Resumo

Este trabalho objetiva analisar brevemente o livro de literatura- “As coisas que a gente fala”, de Ruth Rocha (2019). Partindo do princípio de que a leitura é uma prática cultural, e que a linguagem, segundo Bakhtin (2006), é um fenômeno social e dialógico, sendo utilizada para construir significados e relações sociais. Constituindo-se numa pesquisa bibliográfica, destacando ainda, a importância da perspectiva histórico-cultural, pautada nos estudos de Vygotsky (2001), (1991), em relação à formação da linguagem, o qual destaca que o significado realiza a mediação entre o pensamento e sua caminhada em direção à expressão verbal, sendo, portanto, o caminho entre o pensamento e palavra, um percurso internamente mediatizado. Constata-se, por meio do arcabouço teórico utilizado neste estudo, que a linguagem é a expressão do homem enquanto ser social.

Palavras-chave: Palavra. Linguagem. Pensamento. Histórico-cultural.

Introdução

*“As coisas que a gente fala, saem da boca da gente
e vão voando, voando, correndo sempre pra frente.
Entrando pelos ouvidos, de quem estiver presente.”
(Rocha, 2019, p.7)*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: fabianaferreira23.fp@gmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: brumatti85@gmail.com.

³ Professora do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: isabel.nunes@ufes.br.

⁴ Professora do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br.

Assim, começa essa história, escrita pela autora Ruth Rocha, que se destaca pelo uso da linguagem poética sempre bem utilizada em seus livros de literatura infantil e que atrai crianças e adultos, em ***As coisas que a gente fala***, a autora utiliza versos rimados para contar a história de Gabriela, a história narra à trajetória de uma menina chamada Gabriela que mente sobre quem quebrou um vaso de sua mãe, afirmando ter sido o seu vizinho, Filisteu. A mentira de Gabriela se espalha e causa uma série de confusões.

Na história, depois que Gabriela acusou Filisteu, os moradores da cidade onde viviam, ficaram indignados com a proeza do menino. Quando o pai de Filisteu ficou sabendo do acontecido, colocou-o de castigo: não tinha mais TV, Coca-Cola, futebol etc. Chateado com as proibições, o menino procurou Gabriela, que repensou suas atitudes e tentou resolver a situação. Depois de muito tentar, a menina conseguiu recolher algumas mentiras que estavam soltas no ar. Com esse ato, a autora mostra que, depois de ditas, as palavras ganham vida própria.

O texto, em forma de poesia, torna o livro mais divertido e acessível para as crianças, e transmite de forma mais eficaz a mensagem sobre os danos que as palavras após serem proferidas, no caso, a mentira (mesmo que inocentemente) podem causar. A importância da verdade e o poder de nossas palavras são destacados ao longo do texto, enfatizando ainda, a importância da honestidade e da responsabilidade com as palavras que uma vez ditas, e vão voando, voando, soltas pelos ar.

Poderíamos facilmente nos apegar somente aos aspectos enfatizados nessa literatura de imediato, como a exploração da importância da verdade em detrimento da mentira, e como nossa escolha nas falas tem consequências. Seria possível também, nos determos nas potencialidades da obra quanto aos aspectos éticos comportamentais, explorados ao longo de todo o enredo.

Contudo, para além do que é claramente visível, nos propomos a evidenciar que “A função da linguagem é a comunicativa. A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão” (Vigotski, 2001, p.11).

Porém, com base nessa literatura, podemos destacar, ainda, que a criança constrói sua linguagem por meio das interações que vivencia em seu meio social. É na interação com os outros que os significados das palavras vão se construindo. As experiências humanas reais são as bases da aprendizagem e lugar de desenvolvimento humano.

Dessa maneira, entende-se, consoante Bakhtin (2006), que a linguagem é utilizada para comunicar-se com os outros, e é influenciada pela cultura do contexto em que é utilizada. Assim, categorizada metodologicamente como uma pesquisa bibliográfica, este trabalho discute, prioritariamente a partir dos estudos de Vygotsky (1991, 2001) e, alguns aspectos acerca da teoria histórico-cultural, que, por sua vez, corrobora com as compreensões de Bakhtin ao compreender a constituição do humano a partir de sua relação com a história e com o meio cultural o qual está inserido. Portanto, a linguagem é a expressão da existência do homem enquanto ser social.

1 Teoria Histórico-Cultural e a Linguagem

Para iniciarmos nossa discussão sobre a teoria histórico-cultural torna-se necessário, destacar, dentro dessa perspectiva a compreensão de como é constituído o homem, acredita-se que seu desenvolvimento ocorra por meio de uma relação dialética com a cultura e com a história, sendo este, ao mesmo tempo, um ser singular, social e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela à sua historicidade social, a ideologia e as relações sociais.

Em sua Obra “A formação social da mente”, Vigotski (1991) fundamentado na abordagem materialista-dialética da análise da história do homem, e precursor da Teoria Histórico-Cultural, compreende que existe uma diferença entre o comportamento dos demais seres vivos e o comportamento humano, pois este possui características singulares em relação aos seus processos de adaptação ao mundo.

Conforme Vigotski (1991, p. 43) “[...] o comportamento humano tem aquela “reação transformadora sobre a natureza” que Engels atribuiu aos instrumentos”. Nessa compreensão, o homem não apenas se adapta às condições materiais de existência, mas também produz condições para que possa viver no mundo, por meio de instrumentos, constrói suas relações, sua história e seu modo de vida. Contribuindo com esse pensamento, Padilha (2017, p. 09), afirma:

Ao nascer, o novo indivíduo da espécie humana mergulha na cultura e passa a fazer parte de um grupo, de uma classe social e da história da humanidade. Sua dependência total dos membros mais experientes parece ser uma desvantagem em relação a outros animais mamíferos. Desvantagem aparente porque é justamente essa dependência que coloca

o novo ser nas relações sociais interpessoais e em condições de se apropriar da obra humana – a cultura.

Diferentemente da concepção naturalista, não é somente a natureza que afeta os seres humanos, pois sob a visão dialética da constituição do homem, admite-se que para além da influência da natureza sobre o homem, também é reconhecida a ação do homem sobre a natureza, a qual se manifesta a partir da construção e utilização de instrumentos por ele criados e idealizados, criando assim novas condições materiais de existência (Vigotski, 1991).

Podemos assim dizer, o homem e sociedade vivem uma relação na qual esse mesmo homem que é constituído na história, ainda assim, expressa a sua singularidade e o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. Entendemos, dessa forma, que indivíduo e sociedade não mantêm uma relação semelhante entre si, mas uma relação onde um constitui o outro, compondo-se de uma constituição dialética.

É nessa relação com a natureza, com a história e com a cultura que o indivíduo internaliza suas vivências e sua relação com o mundo. A partir disso, suas funções psicológicas superiores, manifestas no pensamento e na linguagem, se desenvolvem. Segundo Padilha (2017), na perspectiva histórico-cultural, o ato de pensar, falar, ter consciência, criar, imaginar, calcular, são obras propriamente humanas, e “Se as funções elementares, biológicas, são obras da natureza, as funções superiores ou culturais são obras humanas” (Padilha, 2017, p. 10).

De acordo com a autora, os conhecimentos adquiridos pela criança em seu cotidiano contribuem para a constituição de sua forma de agir, de pensar, de falar, e de manifestar seus desejos e vontades. Portanto, suas relações com os adultos e com as demais crianças, vão conduzir sua forma de pensar, de memorizar, de imaginar e de se comunicar. É nesse processo de relação com o meio sociocultural que as palavras vão adquirindo significados e representações para a criança.

Por meio dessas reflexões sobre a constituição dialética do homem, podemos afirmar que o plano individual não constitui mera transposição do social. O indivíduo modifica o social, transforma o social em psicológico e, assim, cria a possibilidade do novo.

Destarte, podemos afirmar que a linguagem seria o instrumento fundamental nesse processo de constituição do homem, para o referido autor, “[...] surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência

humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem” (Vigotski, 2001, p.395).

Embora sejam processos distintos, pensamento e linguagem se relacionam. É a partir do momento em que pensamento e linguagem convergem que a criança descobre a função simbólica das palavras. De acordo com Vigotski (2001, p. 409) “O pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”.

Nesse aspecto, o autor compreende que o significado atribuído às palavras é o que “medeia o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado” (Vigotski, 2001, p. 479).

Nesse processo de internalização, atribuímos significados e representações às palavras, de acordo com nossas singularidades. O autor ainda afirma: “A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra” (Vigotski, 2001, p.398).

A linguagem não é apenas um instrumento para a nossa comunicação com o outro, mas é a forma como expressamos a nossa relação com o mundo, relação que se manifesta de forma dialética e dinâmica. Segundo Vigotski (2001, p. 408) “O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo do desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática”.

2 Bakhtin e a Linguagem

A compreensão da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin, desenvolvida no século XX, destaca a relevância da linguagem como um fenômeno social e dialógico. Para Bakhtin, a linguagem emerge da interação entre indivíduos e cultura, sendo utilizada para construir significados e relações sociais.

Defendemos a apropriação dos estudos de Bakhtin, pois sua perspectiva histórica da linguagem considera os sujeitos e o contexto social, oferecendo a oportunidade de enxergar a linguagem além de elementos sistemáticos e invariáveis. Ela é, acima de tudo, variável e criativa, o que ressalta a importância de uma concepção histórica e social da linguagem.

Na teoria bakhtiniana, a linguagem serve para a comunicação com os outros, sendo moldada pela cultura do contexto em que é empregada. No livro de Ruth Rocha, “As coisas que a gente fala”, a linguagem é um meio de construir relações sociais. A

mentira de Gabriela, por exemplo, é usada para proteger a menina da punição materna, enquanto também serve para prejudicar o vizinho Filisteu.

A linguagem, como um fenômeno dialógico, é utilizada para interagir com os outros e é influenciada pelas respostas dos interlocutores. No mesmo livro, a interação de Gabriela com sua mãe, Filisteu e outros personagens impacta o desenvolvimento da trama e da personagem.

Assim, a linguagem está sempre em processo, nunca completa, sendo um projeto contínuo e inacabado. Todas as vozes que precedem um ato de fala estão presentes na palavra do autor. Os signos alimentam a consciência individual; se desprovidos de seu conteúdo semiótico e ideológico, não restará nada. Portanto, a língua é inseparável do fluxo da comunicação verbal.

Para Bakhtin, o diálogo não se resume a uma “alternância de vozes”, mas sim ao “encontro e à incorporação de vozes” em um contexto histórico específico. Nesse sentido, as vozes alheias permeiam constantemente nossa atividade mental individual. Em outras palavras, a enunciação, segundo Bakhtin, é sempre de natureza social; não existe enunciado isolado, pois ele pressupõe aqueles que o antecedem e os que o sucedem.

Os sujeitos se constituem por meio de suas interações. Sua consciência e compreensão do mundo são frutos desse processo. Assim, a língua resulta do trabalho contínuo dos falantes, realizado por diferentes indivíduos em momentos históricos e contextos sociais variados.

Bakhtin (2006, p. 31) enfatiza a fala e a enunciação, afirmando sua natureza social e não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre conectadas às estruturas sociais. O autor ressalta o uso da linguagem na comunicação em todas as esferas humanas, afirmando que “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado em suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, refletindo sua lógica e suas leis” (Bakhtin, 2006, p. 34). Bakhtin ainda define:

O signo se cria entre indivíduos, no meio social; é, portanto, indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente assim ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí enraizar-se senão aquilo que adquiriu um valor social (Bakhtin, 2006, p. 44).

Bakhtin conclui que “é devido a esse papel excepcional como instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for” (Bakhtin, 2006, p. 41).

3 Entrelaçamentos

Vigotsky e Bakhtin, dois teóricos significativos do século XX, associados aos princípios do materialismo histórico, reconheceram a natureza dialógica da experiência humana como essencial para compreender e transformar a realidade. Embora suas perspectivas sejam distintas, ambas convergem na valorização da linguagem como um elemento fundamental para o desenvolvimento humano.

Bakhtin (2006), em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, criticava a ênfase excessiva no subjetivismo idealista e no objetivismo abstrato na ciência de sua época, especialmente em relação às ciências da linguagem. Vigotski (2001) também apresentava uma crítica semelhante em relação à psicologia de viés idealista e behaviorista.

Podemos inferir que quanto mais ricas forem as oportunidades de interação que a criança tiver, maiores serão suas chances de construir conhecimentos sobre o mundo ao seu redor. Os ambientes escolares desempenham um papel crucial na formação da linguagem, ou seja, na construção da subjetividade infantil. É, portanto, essencial que esses espaços promovam as trocas interpessoais e as múltiplas linguagens.

A linguagem, para os autores em tela, é um conceito central que atravessa suas teorias, revelando a interconexão entre o desenvolvimento humano e as interações sociais. Ambos os pensadores, embora provenientes de tradições distintas, reconhecem que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um fenômeno social que molda a consciência e a subjetividade.

Bakhtin enfatiza a natureza dialógica da linguagem, destacando que cada enunciado é impregnado por vozes anteriores e dialoga com possíveis respostas futuras. Para ele, a linguagem é um espaço de encontro onde diferentes perspectivas se entrelaçam, permitindo a construção de significados compartilhados. Essa visão de diálogo é essencial para entender como os indivíduos se constituem por meio de suas interações. A linguagem, então, torna-se um instrumento vital para a expressão da identidade e para a construção de relações sociais.

Vigotski, por sua vez, traz à tona a ideia de que o desenvolvimento humano ocorre através da mediação social. Ele argumenta que a linguagem é fundamental para o processo de internalização do conhecimento, onde a interação com o outro possibilita à criança a formação de conceitos e a construção de sua própria identidade. Através da linguagem, as crianças não apenas comunicam ideias, mas também assimilam e transformam experiências sociais, integrando-as ao seu repertório cognitivo.

A convergência entre Bakhtin e Vigotski se torna evidente quando consideramos que, para ambos, a linguagem é um veículo de transformação. Bakhtin nos lembra que a linguagem é dinâmica, sempre em evolução, refletindo a diversidade de vozes e contextos sociais. Vigotski complementa essa ideia ao afirmar que o aprendizado é um processo colaborativo, onde a troca de experiências linguísticas enriquece o desenvolvimento da criança.

Assim, ao entrelaçar as perspectivas de Bakhtin e Vigotski, podemos afirmar que a linguagem é um elemento fundamental não apenas na comunicação, mas na construção da realidade social e na formação da identidade. Através do diálogo e da interação social, os indivíduos não apenas expressam-se, mas também criam, transformam e se apropriam do mundo ao seu redor, construindo tanto a sua subjetividade quanto a cultura em que estão inseridos.

Facilmente diante da análise do livro de literatura em questão, e ainda, por meio do arcabouço teórico entrelaçado de ambos os autores, seria possível abordar outros conceitos pertinentes para o campo da educação, tais como monologização da consciência (Bakhtin) e internalização para (Vigotski), “Mas isso é uma outra história que fica para outra vez...”(Rocha,2019)

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. Desenvolvimento Psíquico e Elaboração Conceitual por Alunos com Deficiência Intelectual na Educação Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v.23, n.1, p.9-20, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/zFvqqr37NkbMgZNGMvRJv4S/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em 02 mai. 2023.

ROCHA, Ruth. **As coisas que a gente fala**. Editora Salamandra, 2019.

VIGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 4. ed., 1991.